



OS DIÁLOGOS EXISTENTES ENTRE AS TEORIAS PÓS-CRÍTICAS DO CURRÍCULO E O LIVRO “BECOS DA MEMÓRIA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Gean César dos Santos Nogueira¹
Universidade do Estado da Bahia – DEDC XII

Stefanny Martins Lopes de Araújo²
Universidade do Estado da Bahia – DEDC XII

Tatyanne Gomes Marques³
Universidade do Estado da Bahia – DEDC XII

Resumo: Este estudo analisa como o livro “Becos da Memória” da autora Conceição Evaristo dialoga com as categorias emergentes das teorias pós-críticas de currículo. Para a construção da análise, inicialmente, realizaram-se leituras do livro “Becos da Memória” da autora Conceição Evaristo (2018) e do livro “Documentos de Identidade” do autor Tomaz Tadeu da Silva (2003). A partir das leituras foi possível o conhecimento dos conceitos sobre os quais se debruça a análise, uma vez que as teorias pós-críticas de currículo não se limitaram somente às questões ligadas à classe, mas também a categorias como gênero, feminismo, raça, etnia, sexualidade, entre outras. O trabalho evidencia que o livro “Becos da Memória” dialoga diretamente com as ideias de centro e margens, de superioridade cultural e eurocentrismo, que são questionadas, de forma associada às discussões sobre gênero, raça/etnia e sexualidade, surgidas, em consequência, da visão pós-crítica de currículo que vem ampliar e modificar alguns conceitos da teoria crítica. Sendo assim, a valorização da diversidade significa reconhecer a alteridade de maneira mais plena, mais ampla, pois, além de garantir o direito à existência do outro seria ver a si mesmo no outro, com todas as diferenças e contradições. Nesse sentido, o livro Becos da Memória é um suporte que contribui muito para vermos e nos vermos.

Palavras-chave: Currículo. Literatura. Teorias pós-críticas.

1 Introdução

O presente estudo nasce de uma experiência de análise de leitura literária proposta pela disciplina Currículo, do 4º semestre do curso de Pedagogia do Departamento de Educação – DEDC XII da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Isto porque, durante os estudos na disciplina, foram realizadas leituras e discussões sobre o currículo, as teorias do currículo, bem como também do livro de Conceição Evaristo, Becos da Memória.

¹ Graduando em Licenciatura Plena em Pedagogia – UNEB DEDC XII. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). E-mail: geanncessar@gmail.com

² Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia – UNEB DEDC XII. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). E-mail: stefannyaraujo7@gmail.com

³ Doutora em Educação pela FaE/UFMG. Professora Assistente da UNEB/ Departamento de Educação – DEDC/Campus XII. E-mail: tatygmarques@yahoo.com.br

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



Essas leituras e discussões trouxeram enormes contribuições, pois foi possível compreender que o currículo não se limita às disciplinas escolares, e sim, está ligado totalmente com o contexto social de todos os indivíduos. Sendo assim, ele tem como objetivo estabelecer um modelo a ser construído para as diferentes classes sociais. Logo, é por meio do currículo que os valores culturais de determinada sociedade serão ou não valorizados. Nesse sentido, o livro *Becos da memória* traz em sua narrativa personagens que estão à margem da nossa sociedade, suas histórias de vida, que acontecem, de fato, nos becos da favela. É justamente nas histórias desses personagens que são encontrados elementos que dialogam com as categorias apresentadas nas teorias pós-críticas do currículo. Sendo elas, gênero, raça, sexualidade, cultura e colonialidade.

Diante disso, este trabalho se propõe a analisar como o livro “*Becos da memória*” e a autora Conceição Evaristo dialogam com as categorias das teorias pós-críticas.

2 Caminhos Metodológicos

Para a construção desta análise, inicialmente foram realizadas leituras do livro “*Becos da memória*” da autora Conceição Evaristo (2018) e do livro “*Documentos de Identidade*” do autor Tomaz Tadeu da Silva (2003). Foi por meio da leitura do livro “*Documentos de Identidade*” que se tomou conhecimento dos conceitos responsáveis sobre os quais nos debruçamos nesta análise, uma vez que as teorias pós-críticas de currículo não se limitaram somente às questões ligadas à classe, mas também a questões ligadas ao gênero, feminismo, raça, etnia, sexualidade, entre outras. Nessa perspectiva, ao compreender esses conceitos, não somente nas leituras como também nas discussões, é que foi possível identificá-las no livro *Becos da memória*. Consequentemente, estabelecer os diálogos existentes entre os textos.

3 Uma breve explanação dos significados atribuídos ao currículo pelas teorias tradicionais, críticas e pós-críticas

O currículo, em síntese, está ligado diretamente aos conhecimentos adquiridos pelo ser humano, afim de criar nesse indivíduo uma identidade. Como pontua Silva (2003, p. 15) “o currículo está inextricavelmente, [...]envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: na nossa identidade, na nossa subjetividade [...]além de uma questão de conhecimento, o currículo é também uma questão de identidade”. Dessa forma, o currículo se configura como um elemento muito importante para a construção de um projeto de sociedade, dos seres desejáveis em determinado contexto. Por isso, o currículo envolve todas as atividades humanas e não somente a esfera educacional escolar. Assim, dedicamos nesta parte do texto a

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



explicar como o currículo é utilizado pela educação para formar o indivíduo. Para isto, iniciemos as explicações a partir das teorias tradicionais do currículo.

Os primeiros estudos sobre o currículo ocorreram nos Estados Unidos. Isto porque o país passava por enormes crescimentos decorrentes da industrialização no início do século XX, sendo então preciso um número altíssimo de trabalhadores. Desse modo, foi necessário criar um currículo que estivesse voltado para as camadas populares, tendo em vista que essa população recebesse uma capacitação para ingressar no mercado de trabalho com a qualificação exigida pelas fábricas, logo, gerando lucro de forma mais rápida e eficiente. Bobbitt foi o primeiro a pensar em um currículo que atendesse a esses interesses. Nesse caso, propôs um modelo escolar cujo currículo fosse voltado para a formação das massas.

As teorias críticas do currículo surgem exatamente para reconfigurar a compreensão do currículo/escola tradicional. É necessário compreender que, no contexto de surgimento das teorias críticas, o mundo estava sob muita agitação. Como Silva (2003, p. 29) afirma “a década de 60 foi uma década de grandes agitações e transformações [...] nessa década que surgiram livros, ensaios, teorizações que colocavam em xeque o pensamento e a estrutura educacional tradicionais”. É essa efervescência que impulsiona o surgimento de teorias que criticam o currículo tradicional até então presente nas escolas. Assim sendo, não somente os Estados Unidos, mas outros países como o Brasil, estavam nesse movimento de contestação e mudança. Ao se contrapor aos modelos curriculares tradicionais, as teorias críticas do currículo estavam preocupadas em desenvolver conceitos que ajudassem a compreender a função do currículo. Dessa forma, aspectos com ideologias, culturas, classe social, entre outros, ganharam visibilidade, pois esses e outros aspectos estavam inseridos no currículo.

É no contexto pós questionamentos dos currículos tradicionais que as teorias curriculares pós-críticas surgiram. As perspectivas pós-críticas de currículo não só criticaram as teorias tradicionais como também intensificaram os debates propostos pelas teorias críticas, considerando as questões que vão além das classes sociais na realização dos currículos.

É a compreensão multicultural que embasará as teorias pós-críticas. O multiculturalismo, conforme Silva (2003), é um movimento criado pelos grupos culturais dominados, residentes no interior dos países dominantes, que têm como objetivo reivindicar que os seus valores e formas culturais sejam reconhecidas e representadas na cultura nacional. Dentro desse movimento, surgem duas perspectivas, sendo elas, o multiculturalismo liberal/humanista e o multiculturalismo crítico. O multiculturalismo liberal/humanista defende que essas culturas devem ser toleradas e respeitadas. Entretanto, essa concepção dá, de certa

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



forma, uma superioridade às culturas ditas como certas, pois, ao entender que as culturas dos grupos dominados dever somente ter o respeito e a tolerância, elas nunca estarão inseridas na cultura nacional, constituindo-se apenas como uma cultura à parte. Já o multiculturalismo crítico⁴ defende que, para além de um respeito ou tolerância, as formas culturais dos grupos dominados devem ser colocadas em constante evidência e problematizadas, afim de garantir que essas culturas sejam, de fato, valorizadas e inseridas na cultura nacional.

Desse modo, mais do que a realidade social dos indivíduos, é preciso compreender também os estigmas étnicos e culturais, tais como a racialidade, o gênero, a orientação sexual e todos os elementos próprios das diferenças entre as pessoas. Nesse sentido, é preciso combater a opressão de grupos semanticamente e concretamente marginalizados e lutar por sua inclusão.

4 Das teorias pós-críticas do currículo ao Brasil de Conceição Evaristo

No texto “Becos da Memória” da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, percebemos uma série de aspectos e construções que visam justamente a humanizar as personagens e não estereotipá-las. As histórias, tecidas sem linearidade, vão surgindo a partir de um universo fraturado com uma comunidade surpreendida pelo processo de remoção que percorre o cotidiano de exclusão e miséria, Evaristo trabalha inúmeras questões relacionadas a gênero, raça, etnia, memória e, através de suas narrativas, é possível refletir sobre a realidade social do Brasil a partir de contextos e histórias de vida singulares.

A narrativa de Evaristo mostra bem a realidade de subalternidade e discriminação estruturalmente produzida no Brasil. O espaço em que a história é narrada ganha muita importância exatamente porque evoca um lugar de subordinação histórica para a formação do povo negro no Brasil – a favela – e o romance analisado traz à tona uma reflexão sobre um passado escravocrata que continua fazendo parte do dia-a-dia da população negra. Vemos durante toda a narrativa que o espaço da favela aparece como materialização da condição de inferioridade, invisibilidade, exclusão e até mesmo genocídio ao se tratar do desfavelamento que os moradores vivenciam cotidianamente. Nessa perspectiva, favela e senzala são equivalentes. O passado e o presente de um Brasil que se produziu por meio da escravização do povo negro emerge em cada página e em cada beco da favela-senzala. Nesse contexto, o espírito de comunidade que une as pessoas torna-se um dos instrumentos de resistência.

⁴ O próprio multiculturalismo crítico é composto por pelo menos duas concepções: uma pós-estruturalista e outra materialista (SILVA, 2003).

O livro apresenta um olhar direcionado aos “seres invisíveis” de uma sociedade desigual e injusta. Nesse caso, a favela surge como um cenário perfeito para refletir sobre os indivíduos que foram e são marginalizados e excluídos, não apenas pelo viés econômico, mas também por questões que dizem respeito principalmente à colonialidade do poder enquanto imposição de uma classificação racial/étnica e suas consequências para a atual formação social de vários países da América Latina, entre eles, o Brasil.

Em *Becos da Memória* há o encaminhamento para uma escrita não subalternizada e não subalternizadora que age em duas frentes: primeiro em relação ao sujeito negro, que passa a vida inteira lutando para sair de uma posição de livre escravidão, trazendo para a trama a memória como exercício de resgate histórico, chamando nossa atenção para antigos e novos problemas. Segundo, mostra muito interesse em afirmar a posição da mulher nessa sociedade opressora. No romance, há várias passagens que fazem referência às mulheres que estão vivendo essa condição subalterna e opressora, que revela a inferiorização de sua condição social.

Nesse sentido, a educação é entendida pelas teorias pós-críticas como um aparelho ideológico que atua como o legitimador dos modos operantes dos preconceitos para além das questões das classes sociais que se estabelecem pela sociedade. O que a narrativa do livro *Becos da Memória* e as teorias pós-críticas têm em comum é afirmação da necessidade em lutar pela libertação das amarras da desigualdade (independente do nível ou da esfera dessa desigualdade). Nesse caso, a emancipação como libertação significa não só o reconhecimento dos subalternos, mas também a erradicação da estrutura de poder que mantém a hegemonia e a subalternidade.

5 Considerações finais

Com base nas discussões e reflexões elencadas neste estudo, pensar o livro “*Becos da Memória*” como um encaminhamento para uma escrita não subalternizadora dialoga diretamente com as ideias de centro e margens, de superioridade cultural e eurocentrismo, que são questionadas, de forma associada, às discussões sobre gênero, raça/etnia e sexualidade, surgidas, em consequência, das teorias pós-críticas.

A conversão das diferenças de gênero, raça/etnia e orientação sexual, entre outras, em desigualdades são construções históricas geradas pela humanidade ao longo de sua história de uso do poder. As teorias pós-críticas abordam com ênfase as preocupações com a diferença. Chamam a atenção para o desenvolvimento de uma cultura de valorização da diversidade, que

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



possibilite a compreensão das semelhanças entre os seres humanos e as diferenças existentes entre eles. Todavia, sem cair no senso comum de que “todos somos diferentes”, já que há diferenças que são produzidas e reproduzidas para oprimir, dominar, colonizar.

É por tais dimensões que o currículo é visto a partir da teoria crítica e pós-crítica, segundo Silva (2007), como espaço de poder, de lutas, sendo uma construção social. Ao se tomar consciência disso, nas últimas décadas, temos assistido a muitas mobilizações dos grupos historicamente subalternizados para que suas culturas sejam consideradas no currículo escolar e fora dele.

Sendo assim, a valorização da diversidade, para além da tolerância significaria reconhecer a alteridade de maneira mais plena, mais ampla, pois, além de garantir o direito à existência do outro, seria ver a si mesmo no outro, com todas as diferenças e contradições. Nesse sentido, o livro *Becos da Memória* é um suporte que contribui muito para vermos e nos vermos.

Referências

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. - 4. ed. - Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.